

Produtos da agricultura catarinense e a comercialização na pandemia: hortifrútis no mercado atacadista

Rogério Goulart Junior¹

Introdução

Além de uma crise econômica e de efeitos climáticos adversos em várias regiões, o ano de 2020 estará marcado pelo “redemoinho” provocado pela pandemia da COVID-19. Mas o ambiente da “batalha” sanitária descortina a questão de segurança alimentar e nutricional em regiões metropolitanas nacionais, bem como afeta o papel dos mercados regionais de produção e comercialização de hortifrútis nas áreas urbanas na pandemia.

Com o início da crise sanitária as centrais de abastecimento cumpriram um papel estratégico na manutenção do suprimento e da segurança alimentar das regiões urbanas estaduais com a garantia de regras de procedimentos sanitários para a comercialização nos entrepostos e protocolos a serem seguidos no suprimento e na distribuição dos produtos.

Segundo a FAO/Cepal (2020) e Geral dini et al. (2020), os possíveis impactos do controle da COVID-19 nos mercados agroalimentares estariam relacionados a perdas e desperdícios de alimentos. No campo houve perdas de produtos não colhidos na lavoura, perecíveis armazenados e não negociados devido à redução na disponibilidade de transporte, fechamento de estradas, fronteiras e acesso limitado a insumos produtivos com aumento posterior nos preços entre outros. Na distribuição local, regional e externa as perdas ocorreram devido ao fechamento de fronteiras, estradas e mercados com sobra de estoque posterior de produtos perecíveis e medidas de controle alfandegários com mudanças necessárias na logística de armazenagem e expedição de produtos. No comércio de atacado, varejo

e exterior as perdas e os desperdícios estão relacionados com o fechamento de mercados e a sobra posterior de estoque devido à redução da demanda de produtos e serviços e medidas de controle alfandegário exigidas. No consumo final houve desperdício com estoque de alimentos não utilizados devido ao fechamento de estabelecimentos comerciais alimentares (restaurantes, bares e outros). O consumo de pânico em redes de varejo reduziu a disponibilidade de alimentos no primeiro momento e aumentou o prazo para retorno da demanda no segundo, prejudicando alimentos mais perecíveis como os hortifrútis e causando, também, a interrupção de compras públicas para as escolas e os refeitórios de instituições e empresas públicas e privadas.

Esfera do atacado na distribuição e comercialização agroalimentar

Na produção de frutas, legumes e verduras (FLVs) a agricultura familiar é o principal fornecedor de alimentos para os mercados de atacado e varejo. Neste sentido, o mercado pode ser visto como um espaço físico para intercâmbio de produtos rurais, com regras e padrões mercadológicos da demanda para distribuição e comercialização dos produtos, ou, ainda, como a interação de diferentes atores para uma possível construção de relações sociais que encontram, a partir da produção e do consumo, reflexos culturais, ambientais e socioeconômicos no local, regional e global (PREISS & SCHNEIDER, 2020; MALUF, 2017). Por isso, o abastecimento alimentar no mercado extrapola a mera disponibilidade de bens e serviços e determina a

maneira de acesso e consumo a partir da produção e distribuição de produtos.

Na esfera do atacado a questão está na perspectiva de regulação baseada na comercialização agrícola com garantias de preços e formação de estoques que atendam às demandas públicas e privadas relacionadas à dimensão de centros urbanos a serem atendidos e formas de acesso à alimentação com segurança alimentar (MALUF, 2017).

Assim, a maior inserção de agricultores familiares em centrais de abastecimento poderia ser dinamizada a partir da venda direta da produção própria, por meio de comerciantes que negociam produtos exclusivos e não exclusivos, ou pela organização de formas associativas para ganho de escala e manutenção da distribuição sazonal de produtos substitutos e complementares durante todo o ano. Ou, ainda, por meio de políticas públicas para incentivo à formação de volume de produtos frescos, conforme a sazonalidade da produção, que suporte a escala das compras institucionais para redes da educação pública, de órgãos públicos, entre outros. Isto de modo a garantir a melhoria na qualidade nutricional de grande parcela da população nos centros urbanos e a preços acessíveis.

Contudo, no novo contexto trazido pela crise sanitária e econômica nacional e mundial, surge a necessidade de garantir a segurança alimentar e nutricional com produtos como os hortifrútis com apelo ao fortalecimento da imunidade e hábitos mais saudáveis com o aumento do consumo residencial devido ao isolamento necessário. Mas para isso é preciso a garantia do acesso ao consumo destes alimentos aos diversos estratos de renda. ▶

¹ Economista, Dr., Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), 88034-000, Florianópolis, SC, telefone: (48) 3665-5448, e-mail: rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

A produção de hortifrúti catarinense o mercado atacadista

Em 2019 a agropecuária brasileira gerou um valor bruto da produção (VBP) estimado de mais de R\$630,9 bilhões, sendo que Santa Catarina foi responsável por 5,2%, com mais de R\$32,9 bilhões de VBP agropecuário (TORESAN et al., 2019).

Conforme dados da Epagri/Cepa (TORESAN et al., 2019), as lavouras temporárias e permanentes foram responsáveis por mais de R\$11,47 bilhões (34,7%) do VBP agropecuário estadual estimado para 2019. Nas lavouras catarinenses, 20,3% do VBP da agropecuária estadual são de grãos, 4,2% de olerícolas, 6,2% de outras lavouras temporárias (tabaco, cana-de-açúcar) e 4,0% de lavouras permanentes da fruticultura.

Segundo dados do Censo Agropecuário 2017 (IBGE) e do Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort) e da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), 22% do valor da produção brasileira de hortifrúti foram negociados em centrais de abastecimento de todo o país. Em Santa Catarina, cerca 35% do valor da produção estadual de hortifrúti foram negociados em diversas centrais nacionais e estaduais, sendo, 12% na Ceasa-SC. Em 2019, no entreposto catarinense, as frutas representaram 55% do valor total negociado, as hortaliças 39% e os demais produtos os 7% restantes (ELIAS et al., 2019).

A produção catarinense de hortifrúti é bastante diversificada, o que contribui para um melhor dinamismo desse setor para o abastecimento das principais regiões metropolitanas, com reflexo na economia e na segurança alimentar e nutricional dessas regiões.

Os principais grupos de hortifrúti pesquisados

Com informações obtidas do Sistema de Informações Setoriais de comercialização (SISCOM), do Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (PROHORT/CONAB,

2021), foram selecionados dados do período de 2016 e 2020 referentes ao volume mensal comercializado e aos preços médios dos principais hortifrúti de origem catarinense negociados em centrais de abastecimento do país. A partir dos dados dos produtos foram calculados os valores, considerando a correção monetária e utilizando o índice de preços ao produtor amplo - M (IPA-M da FGV), com nomenclatura anterior de índice de preço por atacado atualizada para dezembro de 2020.

Neste texto são analisados os grupos frutas e hortaliças e subgrupos com os principais produtos de origem catarinense comercializados nas principais centrais de abastecimento do país que fazem parte do sistema de dados do Prohort/Conab.

Para as análises foram agrupados os principais produtos em quatro subgrupos com maior participação de hortifrúti catarinenses comercializados nos entrepostos de todo país, a saber: Frutas, grupo e subgrupo (FRT) e Hortaliças (HORT), este último grupo com os subgrupos das Folhosas, flores e hastes (FOL); Raízes, bulbos e tubérculos (RBT); e dos Frutos (FTO). No subgrupo das frutas foram analisadas as informações de: ameixa, banana, maçã, maracujá, melancia, morango, nectarina, pera, pêssego, pitáia e uva. No subgrupo das folhas, flores e hastes, foram selecionados: alface, brócolis, couve-flor, repolho e rúcula. No subgrupo das raízes, bulbos e tubérculos, a análise foi de: alho, batata, batata-doce, beterraba, cebola, cenoura e mandioca. O subgrupo de frutos foi composto por: abóbora, abobrinha, chuchu, moranga, pimentão, tomate e vagem.

A partir da série de dados pesquisados (PROHORT/CONAB, 2021), os valores totais negociados de hortifrúti nas centrais de abastecimento brasileiras foram de R\$28,45 bilhões, em 2019, e R\$21,65 bilhões, em 2020. No comparativo entre 2019 e 2020 houve regressão, com redução de 23,9% (R\$6,8 bilhões) nos valores anuais negociados. No quinquênio, 2016 a 2020, os valores dos hortifrúti (selecionados) negociados nas centrais brasileiras foram os meno-

res do período (R\$21,65 bilhões), sendo 14,9% abaixo do valor médio (R\$25,45 bilhões) e 23,4% menor que o máximo negociado (R\$28,45 bilhões) nos anos de análise.

Esse resultado pode ser considerado como reflexo de efeitos adversos da forte estiagem nas principais regiões produtoras de frutas, legumes e verduras (FLVs) do país; aumento do volume direcionado ao mercado externo com o incentivo pela apreciação do dólar (US\$) frente ao real (R\$); e, ainda, efeito das medidas de controle da pandemia na distribuição dos produtos, nos primeiros meses; e de adequações de medidas sanitárias na comercialização e nos entrepostos dos principais estados da federação.

Os hortifrúti de origem catarinense comercializados nas centrais de abastecimento de todo país, a partir da série de dados pesquisados (PROHORT/CONAB, 2021), tiveram seus valores negociados em R\$2,35 bilhões, em 2019, e R\$1,65 bilhão, em 2020. Entre 2019 e 2020 houve redução de 29,8% (R\$699,89 milhões) nos valores anuais negociados dos produtos catarinenses. No quinquênio, os valores dos hortifrúti catarinenses (selecionados) negociados nas centrais, corrigidos pela inflação do período, foram os menores do período (R\$1,65 bilhão), sendo 25,7% abaixo do valor médio (R\$2,22 bilhões) e 34,0% menor que o máximo negociado (R\$2,50 bilhões) nos anos de análise.

Entre 2019 e 2020 a redução dos valores negociados foi influenciada pela diminuição no volume ofertado com produtos mais caros no mercado, com redução da demanda devido aos eventos climáticos e meteorológicos nas lavouras na safra 2019/20. Houve, também, efeitos do controle sanitário com perdas e desperdícios na distribuição e comercialização dos produtos com características de maior perecibilidade e falta de estrutura de armazenagem. Além disso, houve redução na demanda de diversos produtos devido à elevação dos preços provocada pela menor produção na safra junto à estratégia de escoamento para exportações, devido ao câmbio depreciado (US\$/R\$), em detrimento da venda no mercado interno.

Hortifrúti s comercializados nas centrais do país

Em 2019, entre os produtos selecionados de hortifrúti s com maior participação no valor negociado nas centrais brasileiras, o grupo das frutas (FRT), que movimentou o valor de R\$ 10,5 bilhões em 2019, teve seu valor reduzido para R\$ 8,2 bilhões, em 2020, o valor negociado total de frutas, nos entrepostos do país. O grupo das hortaliças (HORT) que movimentou o valor de R\$ 17,9 bilhões, em 2019, reduziu para R\$ 13,4 bilhões, em 2020, o valor total de legumes e verduras nas centrais de abastecimento.

Nos subgrupos propostos o volume comercializado em 2020 foi o menor do quinquênio, com a principal redução entre março e maio e terminando o ano com os níveis mais baixos do período. Entre janeiro e março os efeitos estavam relacionados principalmente à estiagem nas safras das regiões Sul e Sudeste do país no subgrupo das frutas (FRT). Entre março e maio os efeitos das medidas de controle da pandemia também influenciaram negativamente a distribuição de produtos e a demanda de grandes compradores de mercados atacadistas públicos (Figura 1).

O fluxo da quantidade comercializada entre os estados ficou restrito em vários entrepostos e refletiu no aumento proporcional dos custos do frete de retorno. O tipo de compradores nas centrais passou a se caracterizar por pequenos clientes locais e regionais, como mercados de atacado e de varejo de bairros, estes com estratégia de compras diárias e semanais, encurtando assim os prazos de negociação e diminuindo a escala do volume negociado.

Em 2020, os valores negociados nos subgrupos, considerando a correção monetária, ficaram abaixo das médias do quinquênio e com pouca perspectiva de recuperação antes do início do controle da pandemia com a vacinação da população e liberação para as atividades econômicas com segurança sanitária (Figura 2).

Hortifrúti s de origem catarinense

Em 2019, as frutas de origem catarinense foram responsáveis por 15,2% do valor total brasileiro negociado nas centrais de abastecimento do país, com R\$ 1,6 bilhão, que corresponde a um

volume de 320,75 mil toneladas. Já as hortícolas de origem catarinense foram responsáveis por 4,2% do valor total brasileiro negociado, com R\$ 747 milhões, que corresponde a um volume de 214,4 mil toneladas das frutas.

Em 2020, as frutas catarinenses representaram 13,5% do total negociado nos entrepostos, com R\$ 1,11 bilhão de um volume de 217,8 mil toneladas de fruta. Na evolução da participação dos grupos, o das frutas representa 67,5% do total das FLVs de origem catarinense, mas segue tendência de queda, com o menor percentual do quinquênio. Enquanto o grupo das hortaliças catarinenses representa 4,0% do total negociado nos entrepostos, com R\$ 537 milhões de um volume de 172,8 mil toneladas. Na evolução da participação dos grupos em 2020, o das hortaliças representa 32,5% do total das FLVs catarinenses, mas segue tendência de queda com menor percentual nos anos analisados.

Nos subgrupos, os volumes comercializados das Frutas (FRT), Folhas, Flores e Hastes (FOL) e Frutos (FTO) foram os menores do quinquênio. No primeiro trimestre houve reflexo dos efeitos da estiagem nas safras estaduais com menor volume ofertado e produtos de me-

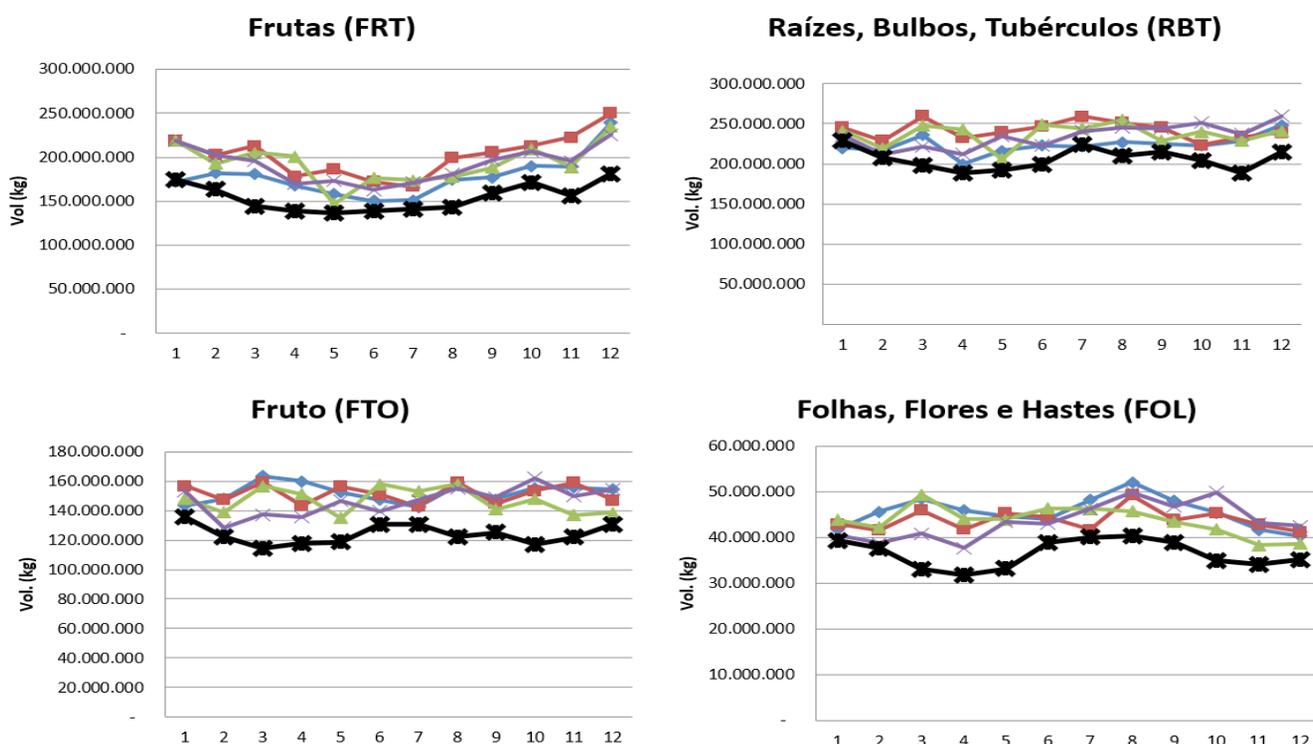


Figura 1. Brasil – Volumes mensais comercializados (kg) dos subgrupos analisados de hortifrúti s em centrais de abastecimento – 2016 a 2020
Fonte: Autor, adaptado de Prohort/Conab (2021).

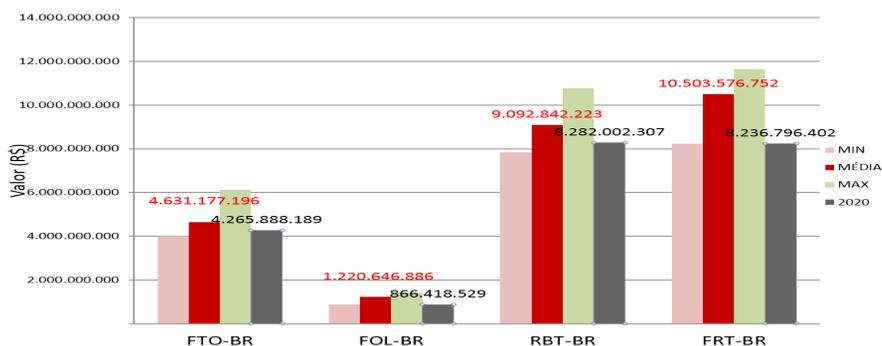


Figura 2. Brasil – Valores negociados (R\$) mínimo, máximo e médio dos subgrupos analisados de hortifrúts em centrais de abastecimento entre 2016 a 2020
Fonte: Autor, adaptado de Prohort/Conab (2021).

nor qualidade no mercado. No segundo trimestre houve o acréscimo dos efeitos das medidas relacionadas à pandemia, que reduziram a distribuição nos canais de comercialização devido ao receio de intermediários e ao fechamento de postos de apoio e carregamento nas principais vias e fronteiras estaduais. A partir do terceiro trimestre os mercados atacadistas se adequaram ao nível menor da demanda com ajustes nos preços conforme o tipo de compradores e prazos de negociação das vendas.

No subgrupo FRT as quantidades comercializadas ficaram 21,0% menores que a média do período, o que em

alguns casos elevou preços e manteve uma demanda relativa no mercado interno atacadista com estoques reduzidos. O subgrupo FOL, com pouca margem para adequações na distribuição das verduras, apresentou grandes perdas no primeiro semestre, o que refletiu em preços mais elevados em mercados locais. O volume comercializado no primeiro semestre foi 89,0% menor que as quantidades médias negociadas dos anos analisados. No subgrupo FTO, no primeiro trimestre, a quantidade transacionada foi 15,0% menor que a média mensal e, entre junho e julho, chegou a um volume 57,0% menor que a média

mensal do quinquênio. O preço médio da maioria dos produtos ficou próximo do mínimo observado no período (Figura 3).

Contudo, o subgrupo Raízes, Bulbos e Tubérculos (RBT) de produtos catarinenses apresentou volumes comercializados próximos das médias do quinquênio. Mas o subgrupo obteve quantidades 19% menores que a média do período nos meses de maio a junho. No segundo semestre, com participação pequena, entre julho e outubro houve recuperação com mais de 15% que os volumes médios transacionados nos anos anteriores (Figura 3).

Em termo de valores negociados, os quatro subgrupos apresentaram em 2020 valores negociados abaixo da média do período e próximos ou iguais aos mínimos observados na série temporal. Porém em muitos casos isto foi resultado de escalonamento da produção para diferentes mercados como forma de evitar ou diminuir custos de estocagem e distribuição, o que determinou negócios com cotações menores ou pouco valorizadas no mercado atacadista regional, quando comparados com anos anteriores (Figura 4).

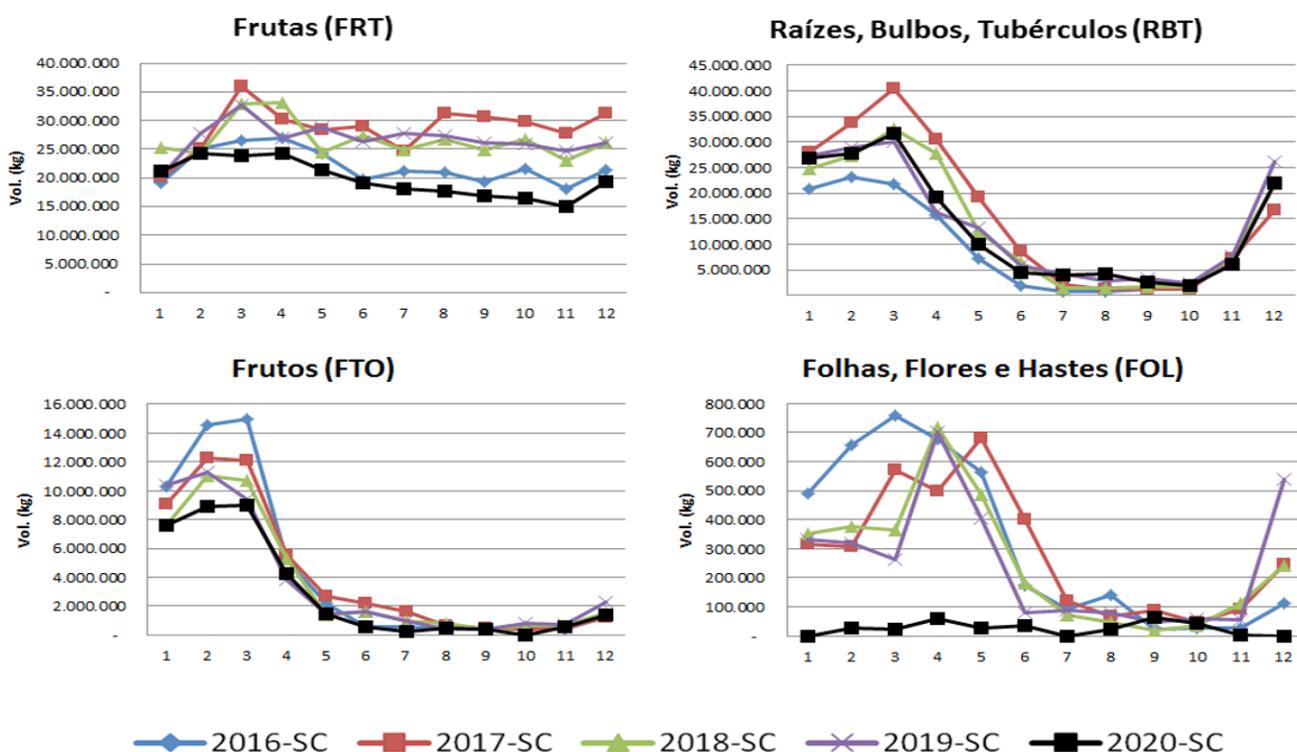


Figura 3. SC – Volumes mensais comercializados (kg) dos subgrupos analisados de hortifrúts em centrais de abastecimento – 2016 a 2020
Fonte: Autor, adaptado de Prohort/Conab (2021).

Considerações finais

A análise realizada com dados dos últimos cinco anos mostra que em 2020 houve uma redução no volume comercializado abaixo do esperado para o período, conforme tendência observada nos anos anteriores.

No comportamento dos produtos de origem catarinense, comercializados nas diversas centrais de abastecimento de todo o país, a redução no volume negociado e os entraves logísticos na distribuição são os principais fatores ocorridos nos primeiros meses de pandemia nas principais regiões consumidoras. Como consequência houve adequações transitórias relativas ao controle sanitário e à nova configuração da participação de compradores nas centrais atacadas a partir do segundo semestre de 2020.

Para o volume comercializado nas centrais de abastecimento houve redução em todos os quatro grupos analisados, com alterações na evolução de oferta sazonal nos subgrupos das frutas (FRT) e folhosas, flores e hastes (FOL), principalmente entre abril e julho de 2020. Mas é necessário considerar os efeitos da estiagem na safra 2019/20 e do ciclone extratropical nas culturas estaduais como fatores limitantes às condições de comercialização posteriores, além das restrições de controle sanitário na distribuição e comercialização final.

Os valores negociados dos hortifrúteis catarinenses, nos entrepostos, representaram a relação de menores volumes comercializados com preços

médios direcionados a diferentes tipos de compradores com distinção entre cotações valorizadas em mercados nacionais e escalonamento dos preços em mercados regionais, conforme o período com maior demanda relativa dos produtos. Mas com os mercados externos mais competitivos muitos produtos estocados conseguiram mercado, o que ocasionou a redução no volume interno para o atacado e pressionou a valorização das cotações no mercado interno.

No segundo semestre as estratégias de mercado são estabelecidas com adequação no transporte, nas centrais de distribuição e nos tipos de negociação seguindo novos protocolos sanitários e comerciais. Contudo, segue a expectativa para a comercialização da próxima safra com insumos para a produção mais elevados, com apreciação cambial (R\$/US\$), e postergação dos efeitos do controle da pandemia sem a imunização necessária da população e com aumento de preços de insumos e serviços somados à atual contração econômica nacional e mundial.

Porém, em grande parte do tempo os produtos negociados nos entrepostos conseguiram manter o suprimento mínimo das principais regiões metropolitanas consumidoras brasileiras, com garantia da segurança alimentar e nutricional da população junto a outros canais de comercialização de hortifrúteis.

Referências

ELIAS, H.T.; GOULART JR., R.; GUGEL, J.T.; REITER, J.M.W.; MONDARDO, M. **Relatório de Projeto**: Pesquisa sobre fluxo de comercialização e dinâmica de mercado atacadista.

Florianópolis: Epagri, 2019 (Relatório).

FAO – Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura / CEPAL – Comisión Económica para América Latina y el Caribe. “Sistemas alimentarios y COVID-19 en América Latina y el Caribe: Cómo disminuir las pérdidas y desperdicios de alimentos”. **Boletín N.º9**. Santiago, FAO y CEPAL, 2020; DOI: <https://doi.org/10.4060/ca9728es>; Acesso em: 15 dez. 2020.

GERALDINI, F.; BARBIERI, M.; GONÇALVES, D.; PEREIRA, J.V.; CAIRES, L. Pandemia altera hábitos do consumidor de HF. In: CEPEA-ESALQ/USP. **Hortifruti Brasil**. Ano 19, n.203, ago. de 2020, p.8-15. Disponível em: <https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/completo/edicao-de-agosto-pandemia-altera-habitos-do-consumidor.aspx>. Acesso em: 20 out. 2020.

MALUF, R.S. Abastecimento alimentar, inflação de alimentos e o contexto urbano no Brasil. In: MALUF, R.S.; FLEXOR, G. (Orgs.) **Questões agrárias, agrícolas e rurais**: conjunturas e políticas públicas, 1. ed. - Rio de Janeiro, 2017, p.179-193.

PREISS, P. V.; SCHNEIDER, S. Mercados e Segurança alimentar e nutricional. In: PREISS, P. V.; SCHNEIDER, S.; SOUZA, G. C. de. (Orgs.) **A Contribuição brasileira à segurança alimentar e nutricional sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020, p.171-190.

PROHORT - Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro / CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento, **Sistema de Informações Setoriais de Comercialização – SISCOM**. Disponível em: <http://www3.ceasa.gov.br/siscomweb/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

TORESAN, L.; PADRÃO, G.A.; GOULART JR., R.; ALVES, J.R.; MONDARDO, M. **Indicadores de desempenho da agropecuária e do agronegócio de Santa Catarina - 2018 e 2019**. Florianópolis, SC: Epagri, 2019. p.16-26 (Boletim Técnico, nº 191). Disponível em: https://docweb.epagri.sc.gov.br/web-site_cepa/publicacoes/Indicadores_Desempenho_Agronegocio.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020. ■

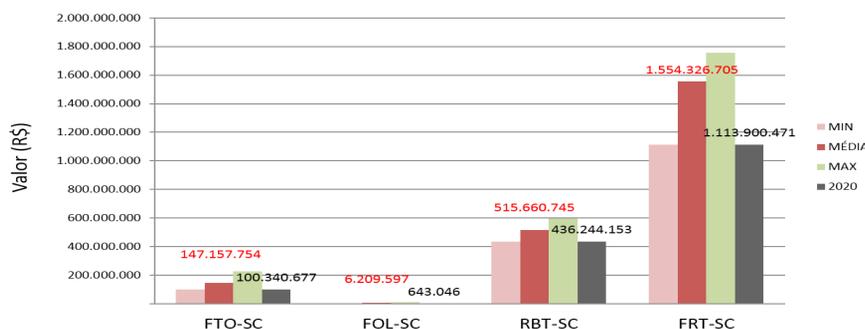


Figura 4. SC – Valores negociados (R\$) mínimo, máximo e médio dos subgrupos analisados de hortifrúteis em centrais de abastecimento entre 2016 a 2020

Fonte: Autor, adaptado de Prohort/Conab (2021).